

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v. 24 n.40

jan/jun 2019

e-ISSN:2179-8001.

Sandra Rey¹**A notável distopia do sujeito nos mundos virtuais****The remarkable dystopia of the subject in virtual worlds*

DOSSIÊ**Resumo**

Partindo da série fotográfica intitulada Do outro lado do silêncio, de Carlos Donaduzzi, produzida pelo artista no contexto de sua pesquisa de doutorado, o artigo aborda da noção de sujeito aparelhado pelos dispositivos tecnológicos, na contemporaneidade. O argumento estabelece uma aproximação temática da série estudada com a obra de Hopper e desenvolve-se através dos conceitos de distopia, dispositivo e hiper-sujeito. O artigo estrutura-se através de 24 notas que permitem entrecruzar referências e conceitos, assim como acentuam o caráter provisório e inconcluso das questões levantadas

Palavras-chave

Fotografia. Redes móveis de comunicação. Sujeito. Dispositivo. Distopia.

Abstract

Based on Carlos Donaduzzi's photographic series "On the other side of silence", produced by the artist in the context of his doctoral research, the article deals with the notion of the subject provided by technological devices in contemporary times. The argument establishes a thematic approximation of the series studied with the work of Hopper and develops through the concepts of dystopia, device and hyper-subject. The article is structured by crossing references and concepts, in a series of 24 notes. As well as accentuate the provisional and inconclusive nature of the issues raised.

Keywords

Photography. Mobile communication networks. Subject. Device, Dystopia.

1 - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Brasil;
Universidade Federal de Santa Maria
- UFSM, Brasil.

ORCID: 0000-0003-4907-9373

*Texto recebido em 25/junho/2019

*Texto publicado em 30/junho/2019

DOI: <https://doi.org/10.22456/2179-8001.94209>

"A fotografia é em si mesma um enigma: ela convoca o receptor a interpretar, a interrogar, a criticar, enfim, a criar e pensar, mas de forma inconclusa."

(F. Soulages. Esthétique de la photographie, 1998.)

Esse texto propõe-se a abordar uma série de fotografias recentes de um jovem artista, para aprofundar a análise dos impactos das circunstâncias nas quais estamos imersos desde o surgimento das redes móveis de comunicação, e dos *smartphones*.

Trata-se da série *Do outro lado do silêncio*, de Carlos Donaduzzi, composta de 5 fotografias médio formato, e de 3 vídeos de curta duração, apresentados em *loop* na mostra de mesmo nome que realizei a curadoria, em 2018². Nas fotos que compõem a série o artista agencia um inventário de situações cotidianas, encenadas por sujeitos interagindo com os dispositivos tecnológicos do nosso tempo, aparelhos com os quais estabelecemos um relação de sujeição, a cada dia mais estreita. A montagem das cenas, banhadas por um jogo de luzes e sombras nos ambientes encenados pelo artista, colocam o observador na situação de *voyeur*, dada a atmosfera de intimidade e a atitude de absorção que envolve os personagens fotografados.

O tema é tratado com realismo, as fotografias apresentam foco e profundidade de campo bem definidos, colocando em evidência o vínculo de interdependência entre os sujeitos contemporâneos e seus dispositivos eletrônicos. Nesse sentido, o artista propõe uma reflexão sobre a situação de dependência que desenvolvemos com os dispositivos tecnológicos que modificaram as formas de comunicação e maneira radical, passando a atuar de maneira determinante nos hábitos e condições de vida.

Podemos considerar os diversos dispositivos tecnológicos com os quais passamos a conviver no mundo contemporâneo, como divisores de águas em nossos modos de ser, trabalhar e nos comunicar, na maneira como nos relacionamos com nós mesmos e com os outros, estejam esses outros à nossa volta, ou a milhares de quilômetros de distância.

Como sabemos, os dispositivos móveis de comunicação possibilitam acessar de qualquer lugar, qualquer outra coordenada geográfica do planeta, e as esferas íntima, privada e pública passaram a friccionar-se e contaminar-se sem constrangimentos nas redes virtuais. Celebrações, alegrias e dores, vitórias e

2 - A exposição foi realizada na Galeria Cláudio Carriconde do Centro de Letras e Artes da Universidade Federal de Santa Maria, RS, durante o período de 21 de maio a 6 de junho, 2018. Um catálogo da mostra foi publicado em *e-book*, pela Editora PPGART(UFSM), 2018.

desilusões, tudo é motivo de compartilhamentos em tempo real.

Assim, capturados pelos dispositivos tecnológicos que dominam e proliferam nas sociedades contemporâneas, nos deixamos docilmente conduzir por um fluxo descontrolado de imagens e situações que se atravessam em nossas vidas. A superfície exígua da tela de nosso *smartphone* dá acesso à evasão, e precipita-nos em deambulações por mundos heterogêneos, os quais nossa realidade física dificilmente conseguiria alcançar.

Tema dos mais atuais, abordado nas fotografias que compõem a série *Do outro lado do silêncio*, pois contém elementos suscetíveis de aproximar conceitos fundamentais se quisermos compreender melhor como a tecnologia e a cultura agem sobre os indivíduos, e aprofundar a noção de sujeito no mundo contemporâneo. Esse é meu interesse nesse percurso. É nesse exercício que me invisto a partir de uma pergunta que frequentemente evitamos interrogar: quem somos nós e, principalmente, em que nos tornamos, diante da profusão de dispositivos tecnológicos que, com nossa completa anuência, invadiram nossas vidas?

O leitor poderá esperar encontrar nesse texto algumas interpretações mas esse é principalmente um exercício de pensar de forma aberta o rasgo que as tecnologias operam na subjetividade e no *modus vivendi* dos indivíduos contemporâneos.

E essa revolução apenas começou, estamos em pleno olho do furacão...

Propomos esse estudo através de uma série de notas que se articulam em espiral. Partindo da observação da série de fotografias mencionada, estabelecemos inicialmente pontos de conexão com a obra de Hopper, que essas fotografias revisitam. Em termos conceituais tratamos inicialmente do conceito de distopia, e seguimos adiante abordando a noção de hiper-sujeito, cara a Mario Costa³. Finalizamos o artigo aprofundando sobre as repercussões dos dispositivos na constituição da noção de sujeito nas sociedades contemporâneas, através do estudo do texto *O que é um dispositivo* de G. Agamben.

Dado o quadro teórico que orienta o artigo, cabe mencionar que a estrutura na forma de notas permite agenciar os entrecruzamentos de ideias, conceitos e referências, ordenando os meandros do pensamento no desenvolvimento dos argumentos. Além disso, espero, possam acentuar o caráter inacabado que atribuo ao texto. Desejo que essas anotações possam motivar o leitor(a) a traçar seu próprio caminho de leitura e interpretação.

...

1) Podemos considerar que o advento das tecnologias na arte iniciou com o daguerreótipo, em 1839, e conhecemos as repercussões do desenvolvimento da fotografia tanto na arte e na vida. Também constatamos que as

3 - COSTA, Mario. O sublime Tecnológico. São Paulo: Ed. Experimento, 1995

repercussões das tecnologias intensificaram-se em nossas vidas nos últimos 10 anos, principalmente com a proliferação dos *smartphones* e das redes sociais. Apesar de relativamente recente o nosso convívio com essas tecnologias, constatamos impactos de proporções consideráveis em nossos hábitos e modos de vida. Igualmente na arte as ressonâncias e reverberações se fazem presentes de maneira contundente.

Façamos uma retrospectiva para verificar que no decorrer das últimas décadas vimo-nos participando da explosão e invasão da tecnologia e das mídias sociais em nosso dia-a-dia, e contribuindo para a expansão de seu consumo em escala generalizada.

E, admitamos, não somente somos capturados pelo fluxo mas também o fomentamos, fascinados que estamos em coabitar em mundos paralelos à realidade em três dimensões, e adentrar cada vez mais fundo na superfície de uma profusão de acontecimentos eventuais que distraem, provocam alheamento do que se passa à volta, deslocando e descentrando os nossos interesses.

2) Desde o lançamento do *Facebook*, em 2004, a linha do tempo, no aplicativo, passou a desempenhar a função de praça pública virtual. Suas inúmeras funções atuais ultrapassaram em muito o projeto original do *software*, lançado inicialmente para promover as redes de relacionamento social, facilitando a aproximação de pessoas. Impensável, hoje, inaugurar uma exposição, promover um seminário ou qualquer evento, sem publicá-lo nas redes sociais do *Facebook* e do *Instagram*, — e mesurar a aceitação pelo número de *likes* dos amigos. O que dizer, então, sobre os debates em rede, as publicidades de toda classe e gênero, as manifestações radicais tanto de direita quanto de esquerda, e os ativismos de toda sorte? Tanto para o bem, quanto para o pior, o *Facebook* tornou-se a ágora⁴ contemporânea.

3) Mas o *Facebook* não teria alcançado o impacto que conhecemos hoje não fosse o surgimento de um dispositivo que participa também ativamente de nossas vidas, os *smartphones*⁵, que vieram a público em 2007 quando a *Apple* lançou o seu primeiro modelo de *IPHONE*. No ano seguinte, em 2008, a *Google* lançou o *ANDROID*, sistema operacional gratuito que alcançou forte popularização, atualmente o sistema mais usado em smartphones. A partir de então, mudamos bastante nossos hábitos e maneiras de nos relacionarmos com amigos, com a família e no trabalho.

4) Assim, o primeiro termo que gostaria de aproximar para colocar em relação com o tema das fotografias em questão é a palavra distopia, que vem do vocabulário médico e, nesse contexto, refere-se à localização anômala de um órgão. A ideia de *localização anômala* é cara ao argumento que queremos desenvolver pois possibilita assentar a dissociação que nos captura quando acessamos os dispositivos móveis de comunicação, desde que esses passaram a coexistir

4 - Ágora, do grego formado pelo termo *áyopá* (comércio, praça), derivado de encontros "eu reúno, junto". Substantivo feminino, significando um lugar público para encontros, e remete à praça pública na Antiga Grécia, que servia para comércio e atos civis e políticos.

5 - Do inglês, "telefones intelijetes". Os *smartphones* combinam recursos de computadores pessoais com funcionalidades avançadas executadas pelo sistema operacional sendo as principais a capacidade de conexão com redes de dados para acesso à internet e sistema *GPS*, câmera digital, editores de texto, planilhas eletrônicas. A integração das funções permite conectar centenas de aplicativos num mesmo aparelho. Como curiosidade, o primeiro aparelho que combinou de forma inédita a telefonia celular e uma série de tecnologias de computação veio a público em agosto de 1994. Tratava-se do *O Simon*, da IBM. Era um celular que tinha calendário e podia ser usado para tomar notas, enviar *e-mails* e mensagens. Disponível somente nos Estados Unidos, foi popular principalmente entre empresários mas desapareceu do mercado dois anos depois devido principalmente ao tempo de duração da bateria ser limitado a apenas 1 hora e ao alto preço de comercialização. Fonte: <https://oglobo.globo.com/economia/primeiro-smartphone-do-mundo-completa-20-anos-13630167>. Consulta em 15/6/2019

em nossas vidas. Formada pela junção do prefixo *dis* que reveste as noções de separação, disjunção, acrescentado do sufixo *topia* que se refere a topos, lugar, a palavra *distopia* traduz, num sentido metafórico, o fato do sujeito situar-se fisicamente em um lugar e, em tempo real, interagir com outros contextos, situação impossível antes do advento dessas tecnologias, mas que tornou-se rotineira em nossos hábitos quotidianos ao ponto de o termos assimilado com tamanha naturalidade que nem mais nos questionamos sobre as repercussões em nosso modo de ser, viver e de perceber a realidade. Corpo no aqui-agora, mente e espírito em coordenadas geográficas anômalas. Daí a *distopia*. Em pensamento, os sujeitos abstraem-se do aqui-agora, para deambular por lugares e situações bem distantes da localização de seus corpos, levados pelo fascínio em permanecer por minutos que se somam às horas, ausentes do mundo à sua volta.

5) As tecnologias imersivas exigem, cada vez mais, que usemos algum tipo de dispositivo para experimentá-las, como os óculos de realidade virtual, fones de ouvido, *joystick*, ou outros semelhantes. Esses dispositivos, destinados a facilitar e ampliar a imersão nos mundos virtuais e adentrar realidades alternativas, aumentam ainda mais a separação com o mundo ao redor.

6) Assim, somos levados a viver uma vida dupla: metade suor e sangue, metade os números e os cálculos⁶ que formam as imagens virtuais sem identidades fixas, mutáveis, com as quais vamos tecendo relações que nos retém na superfície, para mergulhar fundo nas tramas ilusórias nas quais se distingue de mal a pior a realidade, da ficção. Em uma sociedade cada vez mais mediada por uma realidade técnica que dissimula seus modos de operação dando acesso apenas parcialmente à sua infraestrutura, é fácil perder-se no labirinto de conexões, nas intrincadas tramas das redes virtuais. Tal qual Alice em *O Outro Lado do Espelho*, oscilamos entre o virtual e o real, discernindo com dificuldade os processos computacionais que se interpõem, invisivelmente, para conformar as interfaces entre nós, as redes virtuais e o real.

7) É sobre esse momento, social, político, econômico e pessoal, do mundo em transição que coloca a noção de sujeito em suspensão, que as fotografias encenadas de Carlos Donaduzzi aludem, silenciosamente.

8) A fotografia, desde seu surgimento, tem sua história entrelaçada com a pintura e, em seu projeto artístico, Donaduzzi apoia-se em suas referências, notadamente nas cenas pintadas por Edward Hopper, o mais importante pintor realista do século XX, na América do Norte. Hopper pintava figuras isoladas, quartos vazios e silenciosos, paisagens urbanas esvaziadas de movimentos e de traços que denotassem qualquer sinal da agitação cotidiana pela qual são tomados os habitantes dos centros urbanos.

Nas suas composições o artista agencia as cores luminosas alternadas por zonas de sombras para intensificar a atmosfera de introspecção dos

6 - Ver a esse respeito o capítulo *Metade-carne, metade-cálculo*, no livro - de E. COUCHOT. P.178-185.

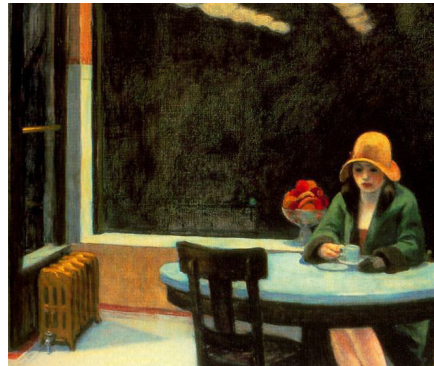
personagens e criar um ambiente em suspensão, como se um silêncio se estabelecesse repentinamente, ou algo ameaçador estivesse por acontecer. As circunstâncias das cenas, e o humor dos personagens, são frequentemente indefiníveis, ambíguos. O realismo das cenas não se apresentam como uma cópia literal de situações que se possa presenciar, mas um inventário de comportamentos e de situações de solidão e de incomunicabilidade com o entorno.

Figura 1: Hopper. *Nighthawks*, 1942
 Fonte: <https://www.edwardhopper.net/nighthawks.jsp>



9) Na série *Do outro lado do silêncio*, Carlos Donaduzzi presta homenagem à obra de Hopper ao compor cenas que aludem ao ambiente de introspecção com que o artista americano impregna suas pinturas

Figura 2: Edward Hopper. *Automat*, 1927
 Fonte: <https://www.edwardhopper.net/automat.jsp>



10) Revisitando a obra de Edward Hopper — esse notável artista que tão bem soube traduzir em imagens a solidão urbana e a inércia do homem em paisagens abertas e desertas, impregnadas por uma luz estranha e melancólica —, Donaduzzi atualiza a atmosfera de silêncio, marcantes nas pinturas de Hopper, re-situando em espaços fechados, mas também impregnadas pelo sentimento de absorção, e de isolamento.



Figura 3: Carlos Donaduzzi, *Uma e muitas pessoas*, fotografia, 177x100cm
Fonte: Carlos Donaduzzi

O enquadramento que enfatiza a segregação dos personagens numa relação de incomunicabilidade, à exceção da superfície exígua e dialógica da tela de um dispositivo eletrônico, evoca a densidade dramática e conceitual das situações cotidianas que Hopper criou: o vazio, e o isolamento beirando à estagnação.

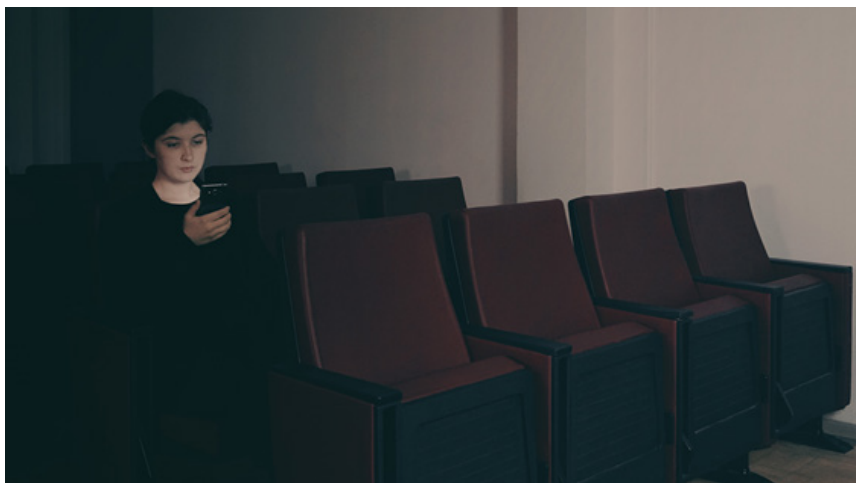


Figura 4: Carlos Donaduzzi, *Sessão de um filme sem nome*, vídeo, 1min09s loop, tela de LCD em moldura, 38x30,05cm
Fonte: Carlos Donaduzzi

11) Porém precisamos introduzir ressalvas na análise comparativa: as referências que Donaduzzi faz às pinturas de Hopper atêm-se principalmente aos aspectos psicológicos dos personagens e dramaticidade das luzes e sombras. À introspecção enigmática dos personagens de Hopper, Donaduzzi contrapõe uma absorção de outra ordem a seus personagens.

A atmosfera que resulta pode ser semelhante, pois ambas cenas aludem à alienação introspectiva dos personagens e encenam uma aura de isolamento do indivíduo com o entorno. Mas também se evidencia um distanciamento entre

as atmosferas criadas por um e outro artista, e isso deve-se ao fato de observarmos nas fotografias de Donaduzzi os personagens abstraírem-se do ambiente, concentrados que estão em seus dispositivos, enquanto que os personagens de Hopper se apresentam com nenhum aparato, se mostram absortos em divagações que, supõe-se, provém de seus mundos interiores.

12) São as diferenças que atribuem sinais de singularidade e não poderia ser de outro modo pois entre os dois artistas se inscreve um lapso de tempo e de contexto consideráveis. Repercutem em cada artista as dessemelhanças culturais que correspondem aos aspectos social, político, econômico, e de avanço tecnológico segundo a época em que as obras são produzidas. O que gostaria de salientar é que o isolamento dos personagens nas cenas criadas por Donaduzzi é de ordem diversa daqueles de Hopper. O isolamento, em Hopper, subentende uma subjetividade própria dos personagens em conformidade, ou dissidência, com situações existenciais. Já em Donaduzzi é fundamental detectar que os personagens encenam as mudanças que a tecnologia provoca nos modos de existência e na cultura.

13) Atuando na experiência de um espaço-tempo dilatado que transforma o acontecimento num presente indefinido, a tecnologia dá acesso à modalidade temporal dos mundos virtuais, essa modalidade é a *eventualidade*, como demonstra Couchot⁷. De uma eventualidade à outra, a noção de realidade redefine-se, assim como a própria noção de sujeito. Esse seria o outro lado do silêncio e introspecção colocados em cena nas fotografias de Donaduzzi.

7 - COUCHOT, E. *A tecnologia na Arte, da fotografia à realidade virtual*. Porto Alegre: UFRGS, 2001. P. 169.

Figura 5: Carlos Donaduzzi, *Vazio Acumulado*, fotografia, 125x70cm
 Fonte: Carlos Donaduzzi



14) A fotografia, por natureza, coloca-nos em contato direto com o mundo e tem contribuído para ancorar a arte no cotidiano, no banal, no familiar, no ordinário. Cenas cotidianas as encenadas na série *Do outro lado do silêncio*; cenas

com as quais esbarramos frequentemente. Mas quando vistas no conjunto, em exposição, percebemos que o artista as impregnou de certa estranhezas porque, ao compô-las, soube extrair certos traços singulares dos instantes mais anódinos da existência, orientado por uma seleção de situações que colocam em discussão a recorrente ascendência das mídias em nossas rotinas e tornam explícitas a captura que essas exercem em nossas vidas.

15) Mas não se restringem aí as questões colocadas pela pesquisa que Donaduzzi vem desenvolvendo no contexto de seu projeto artístico de doutorado. As fotografias e vídeos que compuseram a exposição *Do outro lado do silêncio* evocavam algo mais. Sugeriam, ainda, uma certa noção de “sublime tecnológico”⁸, e uma inequívoca ambiguidade, que coloca a identidade e o sentido em suspense, visto que, nas cenas, se hibridam — e nelas se mantém em transe — o *sujeito, o objeto e a imagem*⁹.

O sujeito transpassado e absorvido pela interface é o que Mario Costa denomina, no livro *O Sublime Tecnológico*, como *hiper-sujeito*.

16) Esse *hiper-sujeito* seria o indivíduo atravessado por uma subjetividade, tomada emprestada, que leva o sujeito a revestir-se de outras identidades, hibridar-se com outros sujeitos, em diferentes situações. Se metaforicamente o *hiper-sujeito*, assim como Alice, passa para o *outro lado do espelho*; a sagacidade presente em *Do outro lado do silêncio* projeta-se para além da sensação de sublime suscitada pelas qualidades estéticas das fotografias: coloca em cena esse hiper-sujeito para fazer-nos compreender como os dispositivos capturam e dão forma ao sujeito que nele se produz, e o fazem funcionar.

17) Haveria um modo “correto” de usar as tecnologias para burlar o controle que exercem em nossas vidas? Coloquemos essa questão em perspectiva, para nos determos na noção de *dispositivo* e examinar os consideráveis efeitos que produzem, através dos processos de subjetivação a que submetem os seres vivos.

18) No texto *O que é um dispositivo?*¹⁰ de Agamben, o autor parte dos estudos de Foucault sobre os dispositivos de controle do poder, e amplia a definição conceituando dispositivo como

qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos. (AGAMBEN, 2009, p. 40)

Seu argumento incide sobre a separação radical do existente em duas grandes categorias: os seres vivos e os dispositivos. O autor descaracteriza

8 - Ver a esse respeito Mario COSTA. *O sublime Tecnológico*. São Paulo: Ed. Experimento, 1995.

9 - Ver a esse respeito a introdução do livro *A tecnologia na Arte, da fotografia à realidade virtual* de E. COUCHOT

10 - AGAMBEN. *O que é um dispositivo. in O que é o contemporâneo E outros ensaios*. Chapecó: Argós, 2009. P. 26-51

a ideia metafísica que pensa o sujeito contendo em si a manifestação de uma essência, e entende a noção de sujeito como resultado de processos de subjetivação, consequência de um corpo a corpo entre vivente e dispositivo. Dessa forma, desde a caneta até a escritura, a literatura, a filosofia, o cigarro, os telefones celulares, os computadores e mesmo a própria linguagem, são incluídos na classe de *dispositivos*.

19) Voltando à nossa situação problema, com efeito, não temos como não reconhecer que os *smartphones* e as redes virtuais, dispositivos com os quais espontaneamente lidamos na fase atual do capitalismo, contaminam insidiosa e irreversivelmente nosso modo de ser e de nos relacionar, nosso modo de comunicar, e de silenciar. Podemos falar que somos impelidos ao desvio e à deriva, já que as redes virtuais nos capturam e levam por diante numa torrente de imagens ucrônicas e distópicas, que rompem com o muro do tempo e as barreiras do espaço, projetando-nos para fora do aqui-agora, deixando-nos suspensos entre a realidade dos átomos e moléculas, e a virtualidade do *pixel* e dos *bits*.

20) Se considerarmos com Agamben que “a todo dispositivo corresponde um processo de subjetivação, sem o qual o dispositivo não pode funcionar como dispositivo de poder” (2009, p. 46), estes atuam no sentido de provocar um momento de dessubjetivação para produzir um novo processo de subjetivação e, assim, um novo sujeito. — Que sujeito seria esse, mediado pelos dispositivos de redes móveis?

“Ao ilimitado crescimento dos dispositivos no nosso tempo corresponde uma igualmente disseminada proliferação de processos de subjetivação.” (AGAMBEN, 2009, p. 41) Dessa forma, um mesmo indivíduo pode ser o lugar de múltiplos processos de subjetivação. A inquietação, nesse processo, é sobre os efeitos da proliferação de dispositivos os quais participamos na atual fase do capitalismo, pois estes não conduzem a processos de subjetivação que corresponderiam a sujeitos reais. Pelo contrário, o embate dos seres viventes com os dispositivos promoveria o que Agamben denomina como uma projeção espectral do sujeito, não no sentido de cancelamento ou superação de uma suposta essência, mas de uma disseminação que levaria ao extremo o aspecto de mascaramento que sempre acompanhou toda identidade pessoal.

21) Os processos de subjetivação que corresponderiam à experiência nos mundos virtuais, seriam da mesma ordem dos dispositivos pré era digital? Implicariam na dessubjetivação de um modo de ser para dar lugar a um novo sujeito? Diante da realidade técnica dupla, visível apenas em parte de sua infraestrutura e, ao mesmo tempo, abstrata e oculta no modo como captura, modela e condiciona a realidade, esses processos se instalariam à revelia da vontade e do controle dos indivíduos...

22) Acontece que os dispositivos com os quais lidamos na contemporaneidade agem por meio de processos que alternam processamentos de subjetivação e de dessubjetivação de modo indiferente e, dessa forma, não dão lugar à recomposição de um novo sujeito, a não ser de modo “espectral”, que não correspondem a nenhuma subjetivação real, adverte Agamben. E esse novo modo espectral, fantasmagórico, do sujeito atravessado por processos alternantes de subjetivação e de dessubjetivação nas redes virtuais, seria tanto mais eficaz quanto mais docilmente o indivíduo se submete a esses dispositivos pós-industriais.

23) Somos contemporâneos de um mundo em rápidas e drásticas transformações e vivemos um tempo de muitas inquietações. Muitas são as incertezas e dúvidas, e apesar dos consideráveis avanços das ciências e da tecnologia no mundo moderno, poucas, bem poucas e parciais, as respostas. Participamos de tempo de profundo *desassossego*, — essa palavra tão cara a Fernando Pessoa — em que nada é estável, tudo é fluxo.

24) As marcas do nosso tempo são a velocidade espantosa das mudanças e a imprevisibilidade do futuro. Diante da realidade que assombra, a fim de disfarçar o desencanto e desespero, deambula-se de um ponto a outro no emaranhado das redes virtuais. O mundo está em transe e temos dificuldades em projetar, no amanhã, alguma utopia. Então, diante do espanto em não conseguir estabelecer um vínculo que faça sentido entre o que projetamos em nossas vidas e as condições que dispomos para alcançar os nossos sonhos, o ponto de fuga é viver o agora *não* estando *aqui*, e, dessa forma, forjamos o fascínio em errar pelas redes virtuais, saltando de *link* em *link* como se nosso dedo fosse a varinha mágica que realiza desejos ao comando de um simples apoiar e deslizar de ícones.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.
COSTA, Mario. *O sublime Tecnológico*. São Paulo: Ed. Experimento, 1995.
COUCHOT, A. *A tecnologia na Arte, da fotografia à realidade virtual*. Porto Alegre: UFRGS, 2001.
SOULAGES, F. *Esthétique de la photographie*. Paris: Nathan, 1998.

REFERÊNCIAS ONLINE

<https://www.edwardhopper.net>



DOSSIÊ

Sandra Rey

Artista, pesquisadora e professora. Dra. em Arte e Ciências da Arte pela Universidade de Paris I. Suas pesquisas fundamentam-se, tanto prática quanto teoricamente, em interrogações sobre a estabilidade e instabilidade da imagem fotográfica, em relação ao real. Expõe e publica textos de artista e crítica de arte. Produz obras em grandes e pequenos formatos, vídeos, instalações e livros de artista. Pesquisadora no CNPq (PQ-IC) e Professora convidada nos PPGs Artes Visuais da UFRGS e UFSM.